

## ENSINO REMOTO: A EVASÃO ESCOLAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Adriana Floor Botelho<sup>1</sup>, Airete Schuch Da Gama<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Curso Letras Português e Espanhol e suas respectivas literaturas – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil.

<sup>2</sup>Curso Letras Português e literaturas de Língua Portuguesa – Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil.

adrianabotelho.aluno@unipampa.edu.br, airetegama.aluno@unipampa.edu.br

**Resumo:** *O presente artigo tem como objetivo apontar dificuldades existentes no sistema educacional, devido à evasão escolar. A debandada precoce dos alunos e a falta de interesse na aprendizagem era uma preocupação bem antes da pandemia do Covid-19, mas com a obrigatoriedade do isolamento social e com o ensino remoto a partir de março/2020 elevou-se ainda mais a evasão escolar. Com base nos conhecimentos adquiridos na experiência vivenciada no Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), busca-se neste artigo realizar uma pesquisa bibliográfica que aponte os principais motivos da evasão escolar e quais as lacunas e/ou defasagens de aprendizagem que surgirão no sistema educacional brasileiro futuramente. Como bases teóricas utilizaram-se os estudos de BARROS, et al, (2021), que argumentam sobre as terríveis consequências da violação do direito à educação para o desenvolvimento econômico e cívico do país. Também, observa-se com a pesquisa da UNICEF, intitulada “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar” que as dificuldades de aprendizagem, falta de rotina de estudo e evasão escolar já existiam antes do ensino remoto, porém, têm se potencializado com a falta do ensino presencial. Neste íterim, durante a experiência do PRP analisaram-se os dados da escola, refletindo sobre a redução do números de inscritos na modalidade de ensino de jovens e adultos (EJA), no Instituto Estadual Espírito Santo, Jaguarão/RS e culminou-se com uma reflexão sobre a redução de números de inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).*

**Palavras chaves:** *Programa Residência Pedagógica; Ensino Remoto; Evasão Escolar; Defasagens na aprendizagem.*

**Abstract:** *This article aims to point out difficulties in the educational system, due to school dropout. The early stampede of students and the lack of interest in learning was a concern well before the Covid-19 pandemic, but with the obligation of social isolation and remote education from March/2020, school dropout rose even more. Based on the knowledge acquired in the experience lived in the Pedagogical Residence Program (PRP) linked to Capes, if in this article carry out a bibliographical research that points out the main reasons for school dropout and what gaps and/ or learning lags will arise in the Brazilian educational system in the future. As theoretical bases we use the studies of BARROS, et al, (2021), which argue about the terrible consequences of the violation of the right to education for the economic and civic development of the country. Also, it is observed with the research of UNICEF, entitled "Confronting the culture of school failure" that learning difficulties, lack of routine study and school dropout already existed before remote education, however, has been enhanced with the lack of classroom teaching. In the meantime, during the experience of the PRP we analyzed the data of the school, reflecting on the reduction of the numbers enrolled in the mode of teaching of young*

*people and adults (EJA), at the State Institute of Espírito Santo, Jaguarão/RS and culminates with a reflection of reduction of numbers enrolled in the National High School Examination (ENEM).*

**Keywords:** *Pedagogical Residency Program; Remote Education; School Dropout; Learning Lags.*

## 1. Introdução

Percebe-se em nossa experiência no trabalho com o ensino médio através do Programa Residência Pedagógica, vinculado à Capes e à Unipampa, que muito tem se discutido, recentemente, acerca do cenário educacional no Brasil e o que fazer para melhorar as formas de engajamento estudantil em sala de aula, seja ela virtual ou presencial. É fato que as problemáticas de defasagens na educação de crianças, jovens e adultos existiam bem antes da Pandemia do Covid-19, porém com a obrigatoriedade do ensino remoto tornaram-se evidentes as discrepâncias econômicas e sociais e o quanto isso impacta no número de alunos concluintes do Ensino Médio.

Pode-se afirmar que, em razão da evasão consciente dos alunos, ou seja, aquela que o indivíduo deixa de participar das aulas, de fazer as atividades pelo fato das políticas públicas facilitarem a aprovação do mesmo, estes alunos acabam intrinsecamente sendo motivados a não fazer ou fazer o mínimo. Esta falta de interesse pela participação dos estudantes contribui para falta de autonomia e desvalorização do trabalho do professor, pois segundo argumenta (Domingues, 2002, p. 78) os professores acabam perdendo o controle sobre seu próprio trabalho e a docência acaba passando por períodos de proletarização, ou seja, o enfraquecimento de seu poder avaliativo devido a questões burocráticas de políticas públicas, que acarreta na perda de autonomia docente. Deste modo, coloca-se em pauta neste artigo a preocupação constante dos níveis de aprendizagem de alunos que têm concluído seus estudos e o aumento do índice de evasão escolar em escolas públicas brasileiras.

O fracasso escolar deixa lacunas irreversíveis para o futuro do país, uma vez que a falta do estudo é uma ponte de fácil acesso que leva os indivíduos para caminhos difíceis de serem trilhados, uma vez que, o mercado de trabalho está cada vez mais competitivo e vivemos em um país emergente, ou seja, com muitas diferenças socioeconômicas propícias à exploração, criminalidade, violência doméstica, desemprego, informalidade, etc.

Observando o cenário, constata-se que estas dificuldades vêm fortemente à tona no ensino superior, pois há uma maior exigência quanto à disciplina e organização do estudo, pois os conteúdos são mais extensos e desenvolvidos mais rapidamente que no ensino médio e fundamental. Encontra-se neste artigo, uma reflexão sobre as possíveis causas da evasão escolar e do silenciamento dos alunos frente às suas demandas estudantis, assim percebemos com a experiência no Programa Residência Pedagógica que o trabalho do docente é árduo para chamar a atenção dos estudantes.

## 2. O silenciamento dos alunos e o desinteresse pela aprendizagem

Diante do contexto do ensino remoto no Brasil, devido a Pandemia da Covid-19 e a emblemática preocupação social sobre possíveis consequências da desmotivação de muitos dos estudantes com o ensino à distância constata-se neste artigo a tragédia

anunciada no cenário educacional brasileiro, pois como ter bons alunos no ensino médio se há uma lacuna irreversível de aprendizagem em decorrência da evasão escolar. Os Governantes e toda comunidade escolar já manifestavam uma grande preocupação, pois a educação nas últimas décadas vinha apresentando problemas que afastavam os estudantes da escola, como por exemplo, o trabalho infantil, a criminalidade, a desmotivação e falta de apoio familiar, as falhas no conselho tutelar, as dificuldades na aprendizagem e/ou bullying na escola, porém, com a obrigatoriedade do ensino remoto o silenciamento e a ausência dos alunos aumentou significativamente. Segundo o site: Por Equipe Lyceum, há uma série de fatores que contribuem para estes afastamentos, e de acordo com o Censo Escolar divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 4 em cada 10 jovens de 19 anos ainda não concluíram o Ensino Médio.

Diante disso, as consequências para a vida do jovem, e também para a sociedade são gravíssimas, como mostra o estudo feito pela fundação Roberto Marinho e o INSPER:

[...] no Brasil, a cada ano, mais de 0,5 milhão de jovens devem passar à fase adulta da vida sem concluir a educação básica, a perda anual total para a sociedade é de R\$ 220 bilhões, o que representa 1/30 de tudo o que é produzido no país e mais de 2/3 de todo o gasto público anual com a educação básica de mais de 40 milhões de estudantes. (BARROS, et al, 2021, p. 103)

As causas desse desinteresse pela aprendizagem podem estar relacionadas a problemas de estresse, ansiedade ou distúrbios depressivos e/ou do sono que o momento pandêmico tem causado no mundo todo. Outro fator que pode ser uma das possíveis causas do sumiço dos alunos são as desigualdades sociais que impedem estes de terem acesso a uma boa internet e aparelhos eletrônicos para se conectar às aulas, assistir vídeos e fazer pesquisas na web para fazer os trabalhos escolares. Da mesma forma que está difícil para os alunos, também está difícil para os professores lidar com todas as mudanças ocorridas no sistema educacional. Isso é o que nos mostra uma pesquisa feita pela Fundação Roberto Marinho:

Apesar dos notáveis avanços alcançados pelo Brasil na garantia do direito à educação das crianças e jovens brasileiros(as) nas últimas décadas, o acesso, a permanência e a conclusão da educação básica de qualidade continuam fortemente desiguais. Todo ano, milhares de meninos e meninas, especialmente aqueles(as) de condição social mais vulnerável, são deixados pelo caminho por um sistema escolar ainda permeável às diferenças de origem social, endereço, sexo e a cor/ raça dos(as) estudantes. A violação de direitos consagrados pela nossa Constituição, expressa no número de jovens brasileiros(as) que não concluem a educação básica, tem consequências conhecidas pela literatura acadêmica: os jovens sem um diploma de ensino médio tendem a ter renda menor ao longo da vida, a estar mais expostos às atividades de risco e a ter menor empoderamento para a participação na vida comunitária e cívica. Em suma, formam um grupo particularmente vulnerável [...]. (RISOLIA, p.10. 2020)

Este sistema escolar ainda permeável às diferenças de origem social, endereço, sexo e a cor/ raça dos(as) estudantes acabam sendo excludentes e provocando um anonimato dos alunos. Esta falta de participação estudantil no educandário e agora nas salas de aula virtual acabam enfraquecendo a participação cívica e social, fazendo com

que falte a criticidade e proatividade frente a vida comunitária.

### 3. O trabalho dos residentes versus as exigências do sistema brasileiro

Percebemos durante nossa experiência no Programa Residência Pedagógica com alunos do Ensino Médio que o professor tem uma carga horária de trabalho bem desgastante e com as demandas do ensino remoto ele tem a obrigação de reaprender a ministrar aulas através de uma tela, de ser produtor/editor de vídeo, organizar pasta no Google Drive, grupos do Whatsapp, manter em dia as plataformas do CórTEX ou Google Classroom e fazer tudo isso de casa, sincretizando assim, sua vida pessoal e profissional sem ter tido tempo de uma prévia organização. Por mais que a vontade e o amor pela profissão sejam incondicionais, sem formação continuada os profissionais da educação ficam desatualizados frente às mudanças do mercado de trabalho e acabam por se sentirem incapacitados para atuar com obtenção de resultados 100% satisfatórios no ensino.

Como bolsistas da Capes, no Programa Residência Pedagógica, trabalhamos com o ensino de língua portuguesa, priorizando os gêneros textuais e abordagens que tinham o texto como objeto central da aprendizagem. Essa centralidade no texto e uso-reflexão-uso da língua durante o trabalho nortearam a definição de conteúdos, as competências e habilidades a serem desenvolvidas, escolhendo sempre textos que circulam no mundo do alunado, conforme afirma a citação a seguir que fala sobre transformar o ensino em algo significativo ao aluno e que se concretize não só a alfabetização, mas sim o letramento:

Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BNCC, 2018, p. 67).

Desta forma, escolhemos alguns gêneros textuais como biografia, entrevista, documentário e associamos aos contextos de produção em que circulam. Esta prática de fazer com que o aluno trabalhe aspectos linguísticos, discursivos e a produção-escrita com uma finalidade, faz com que o texto não perca sua originalidade/autenticidade.

Bakhtin (2006), argumenta que a língua deve ser vista como enunciados orais e escritos, ou seja, ensinar conteúdos linguísticos é fazer refletir o uso da língua nos diferentes contextos do cotidiano. Os gêneros do discurso englobam diferentes textos que circulam em diferentes campos do conhecimento e estas infinitas possibilidades de trabalho com os gêneros textuais nos possibilitaram desenvolver um trabalho amplo e interdisciplinar. Veja o que Bakhtin afirma sobre gêneros do discurso:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados- (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só para o seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos, o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual. Mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros

do discurso. A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e por que em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve se complexifica um determinado campo. (Bakhtin, 2006, p. 261-262).

Segundo Marcuschi (2008, p. 155): “se não existissem os gêneros textuais a comunicação seria impossível, chamamos o fenômeno de hibridização ou intertextualidade intergenérica”. Então, trabalhar com diferentes gêneros textuais desenvolve nos alunos a criticidade e facilidade de comunicação com o mundo ao seu redor, pois, como argumenta o escritor as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, – mas também visam o letramento digital. Tentando nos apropriar das ferramentas tecnológicas utilizamos as plataformas do classroom, whatsapp e – o mural do Padlet.

Sem dúvidas, percebemos com esta experiência que os alunos não estão acostumados com a autonomia de levarem seus estudos sem a orientação ou presença do professor. Isso, tem sido uma espécie de incentivo ao desleixo dos estudantes ao fazer as atividades escolares, cumprimento de prazos estabelecidos e frequências nas aulas. Além disso, segundo o site R7 educação, há uma recomendação do Conselho Nacional de Educação (CNE) para que as escolas das redes privadas e públicas evitem as reprovações, o que torna o trabalho do professor fragilizado, pois as políticas públicas facilitam a vida do aluno que pode passar o ano inteiro sem fazer absolutamente nada e ser aprovado após fazer algumas recuperações. Enquanto não se conseguir um meio termo em que o aluno seja participativo em seu processo de construção de conhecimento não haverá avanços na educação. Deve ponderar-se, que um adolescente que nunca se importou com os estudos e não tem o incentivo na família também não terá a preocupação de pedir ajuda ou notar que precisa melhorar em certas áreas do conhecimento indispensáveis para saciar as necessidades humana/profissional.

Isto posto, encontrar meios para que este aluno não seja isolado e resgate sua autoestima e saiba que é capaz de se esforçar e aprender. Nota-se que cada vez mais o sistema educacional brasileiro vem criando políticas públicas que facilitam o caminho do aluno para evitar a evasão e/ou falta de alunos matriculados nas escolas, porém a maior evasão é o silenciamento que os professores enfrentam dia após dia na sala de aula e a assustadora massa de alunos que saem da escola sem as mínimas habilidades e competências para ingressar em outras áreas profissionais.

#### **4. Experiência didática desenvolvida no Programa e vivências a serem compartilhadas**

Escreve-se este artigo com base nas experiências de trabalho de docência compartilhada – adquiridas com o ensino de língua portuguesa no Ensino Médio, subsidiadas pela Capes e o PRP, vinculado diretamente à Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Jaguarão. O PRP proporciona uma profunda e vasta oportunidade aos estudantes de licenciatura, pois o programa foi criado pelo governo com o intuito de integrar a Política Nacional de formação de professores, cujo objetivo é a iniciação à docência.

A experiência de trabalho da equipe de residentes, a qual ilumina a escrita deste artigo, começa em outubro/2021. Cria-se entre o grupo muitas expectativas, medos e

sobretudo, a vontade de fazer o melhor para os alunos. Para isso, realizaram-se formações internas e externas, leitura das matrizes estaduais e Proposta Pedagógica Curricular (PPP) da escola, reuniões de grupos para organização do planejamento das sequências didáticas e dos projetos de ensino e reuniões semanais com supervisão da preceptora e docente da Unipampa. Planejaram-se oficinas de Língua Portuguesa com a turma do 2º ano noturno, em uma escola pública, de forma virtual.

Cumpriu-se uma carga horária de 40h de regência com a aplicação do projeto “O ensino da Língua Portuguesa promovendo a inclusão social no âmbito escolar e na sociedade”. Para isso, foram preparados materiais didáticos para serem enviados via plataforma Google Classroom e Whatsapp (aula assíncrona) e explicação destes em sala de aula virtual, via Google Meet (aula síncrona). Planejou-se então, aulas interativas e dinâmicas visando chamar a atenção dos alunos com tutoriais em vídeos interessantes, como temas esportivos (olimpíadas e paralimpíadas), convidados especiais para palestrar sobre a importância da inclusão e os esportes adaptados, sondagens por questionários via Google Forms, etc.

Tinha-se muitas expectativas por parte dos residentes quanto ao sucesso do projeto e também a resposta dos alunos, interação professor-aluno, porém com o passar dos dias as devolutivas das atividades não vinham e a cada encontro síncrono era apenas os residentes e a preceptora na chamada. O silêncio perturbador e a sensação de impotência na docência nos deixou inconsolados e preocupados com o porvir. Afinal, o que esperamos de um país que não valoriza a educação? O que mais fazer para que os alunos voltem para escola? O que será dos futuros profissionais das mais variadas profissões se tudo começa na educação básica e o que recebemos é o silêncio avassalador e o desleixo? Como planejar aulas e quais metodologias usar? Como promover letramento e criticidade? Estas indagações inquietam professores e toda comunidade escolar que enfrentam este labirinto da ausência e evasão escolar que se agravou consideravelmente com o ensino remoto. Vejamos algumas das consequências da evasão escolar, conforme Barros:

A não conclusão da educação básica representa uma perda equivalente a 1/8 de tudo que um jovem irá realizar ou que irá acontecer de valor ao longo de sua vida [...] As perdas resultantes de que um jovem não conclua a educação básica são mais de quatro vezes o que atualmente se gasta com os 14 anos da educação básica (pré-escola, fundamental e médio, creche excluída) de um estudante típico. (BARROS, et al, 2021, p.103).

O emaranhado de caminhos em que o professor se encontra na atualidade fica em evidência em nosso trabalho quando anunciou-se uma palestra cujo tema era a acessibilidade de pessoas deficientes e o papel do esporte para a inclusão social. Em preparação para a palestra com a Mestre em Educação Especial e o professor de Educação física e estimulação de esportes adaptados da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apaes) fez-se cartazes de divulgação, envio de áudio no *whatsapp* e recados nas atividades sobre o evento síncrono. A participação dos alunos seria somente assistirem uma palestra e, se quisessem, poderiam fazer perguntas, -mas nem assim eles compareceram. Com tudo isso, nossas expectativas, aos poucos, foram por água abaixo, e assim foi sucessivamente até o final do semestre. Essa falta de comprometimento com os estudos não é nenhuma novidade, -já vinha sendo observada pelos professores há algum tempo, e com a Pandemia, ficou muito mais evidente. Segundo um estudo lançado pela UNICEF intitulado “Enfrentamento da cultura do fracasso escolar” observamos uma preocupação com o fracasso escolar que se arrasta muito antes da

pandemia, conforme o chefe de Educação do Unicef no Brasil Italo Dutra afirma:

Há, no Brasil, uma naturalização do fracasso escolar, fazendo com que a sociedade aceite que um perfil específico de estudante passe pela escola sem aprender, sendo reprovado diversas vezes até desistir. Essa situação já existia em 2019 e se agravou com a pandemia. Essa cultura do fracasso escolar acaba por excluir sempre os mesmos estudantes que já sofrem outras violações de direitos dentro e fora da escola” ( UNICEF, Jan de 2021).

A princípio parecia que todos os alunos – haviam abandonado a escola, mas surpreendentemente, com as provas finais, alguns ressurgiram em busca só da aprovação. Percebe-se com isso, que os estudantes não estavam preocupados em aprender, mas somente em passar de ano. Infelizmente essa é a realidade de muitos de nossos estudantes, uma total resistência em adquirir conhecimentos, e em fazer as atividades propostas. Muitos estudantes do Ensino Médio se sentem pressionados a conseguir um trabalho, e acreditam que o certificado de conclusão do Ensino Médio seja suficiente para ingressar no mercado de trabalho, por outro lado, muitos jovens não concluem, e o resultado não poderia ser diferente, conforme Barros:

As perdas resultantes de que um jovem não conclua a educação básica são mais de quatro vezes o que atualmente se gasta com os 14 anos da educação básica (pré-escola, fundamental e médio, creche excluída) de um estudante típico[...] O que a sociedade perde por jovens que não concluíram a educação básica supera 12 anos de consumo de um brasileiro típico (PIB per capita). (BARROS, et al, 2021, p.103)

Lamentavelmente, o mundo de hoje está cada vez mais competitivo. Por isso, a busca pelo conhecimento e, acima de tudo, formação de cidadãos críticos e com opiniões próprias deveria ser a –prioridade de todos, uma vez que, o Brasil é um país muito diversificado, classificado como um país subdesenvolvido e emergente, o que causa muitas desigualdades sociais, abusos empregatícios, exploração, violência doméstica, trabalho escravagista, etc. A educação é nossa maior arma para combater injustiças e por isso, temos neste artigo o enfoque na preocupação com a evasão escolar e, principalmente no nível da aprendizagem destes jovens que saem da escola para vida. Quando a educação deixa de ser a preocupação da sociedade abre-se uma porta escancarada para retroceder no tempo e a ignorância reina. Vejamos o quão importante é a educação, conforme Barros:

A escolaridade influencia a longevidade e a qualidade de vida por dois canais. Um indireto: maior renda e poder aquisitivo propiciados por maior escolaridade. Maior poder aquisitivo possibilita a uma pessoa atender melhores necessidades e proteger melhor sua saúde por meio do acesso a uma assistência médica adequada e condições habitacionais, de trabalho e vida mais saudáveis. Mas a educação também tem um impacto direto sobre longevidade e a saúde, na medida em que permite, promove ou facilita que uma pessoa utilize os recursos que tem à sua disposição de forma mais eficaz na defesa e promoção da saúde. Assim, mesmo entre pessoas com o mesmo poder aquisitivo, a longevidade e a qualidade de vida tendem a ser maiores entre aquelas com maior escolaridade.( BARROS, et al, 2021, p. 66)

Uma pesquisa feita pelo IBGE no segundo trimestre de 2019, mostrou que uma grande parte dos adolescentes no Brasil deixavam as salas de aulas porque tinham que trabalhar. Esta pesquisa realizada antes da pandemia evidenciou a constante

preocupação já existente com as dificuldades dos alunos se manterem na escola. Vejamos os dados coletados:

A necessidade de trabalhar é o principal motivo apontado por jovens de 14 a 29 anos para abandonar os estudos, de acordo com a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Aproximadamente quatro em cada dez jovens que não concluíram o ensino médio precisaram deixar as salas de aulas para trabalhar[...] os maiores percentuais de abandono das escolas se deram a partir dos 16 anos de idade[...]. (AGÊNCIA BRASIL, agosto de 2020).

Com o ensino remoto aumentaram as incertezas e a ausência dos alunos. Inúmeras hipóteses têm sido levantadas para entender/explicar o silêncio dos estudantes e a que mais preocupa são as discrepâncias sociais que desfavorecem os de baixa classe econômica. Isto posto, sem a interação entre aluno/professor pela falta de acesso a uma internet de qualidade, de aparelhos, como: celulares, tablets ou computadores muitos adolescentes ficaram sem acesso às atividades, pois os materiais impressos não eram disponibilizados pelo governo aos alunos do ensino médio.

Outra questão a se pontuar é que cada pessoa tem seu jeito e tempo para aprender e muitas vezes os familiares não têm condições de pagar um professor particular e não sabem ensinar, pois estudaram pouco e/ou têm dificuldades em lidar com as novas tecnologias. Esta desassistência acaba originando defasagens quase que irredutíveis na aprendizagem de muitos. Sendo assim, o indivíduo pode começar a ter baixa autoestima, sentir-se incapaz e deixar de ter interesse de aprender.

O artigo de SOUZA e BEZERRA (2021) compartilha dessa preocupação quando realiza uma pesquisa no ensino de língua portuguesa com educadores do estado do Ceará em tempos de ensino remoto. Nesta pesquisa constatou-se uma grande dificuldade de se desenvolver um projeto pela falta de rotina das crianças e pela inexperiência do manuseio dos celulares, computadores ou tablets. Para os professores entrevistados estas problemáticas prejudicaram o ensino no período de pandemia. Quando lemos os relatos dos professores da rede pública do estado do Ceará, pensamos no planejamento de nosso projeto, que não foi realizado com crianças, porém as preocupações e anseios são similares aos resultados que pretendíamos obter, que infelizmente também não conseguimos. Veja o que os autores falam sobre a falta de autonomia e consciência estudantil dos alunos para cunpirem seus compromissos:

A pandemia provocada pela disseminação do novo coronavírus obrigou os diversos setores da sociedade a adequarem-se ao novo contexto social, marcado pelo isolamento. No contexto escolar, a suspensão das aulas fez com que os atores educacionais buscassem novos caminhos para a criação de situações de aprendizagem que fossem eficazes, considerando o ensino remoto.

Com essa situação, evidenciam-se as dificuldades relativas ao ensino a distância e ao uso da tecnologia, pois alunos, professores, gestores e demais membros da comunidade escolar não possuem, de modo geral, aptidões para a utilização de recursos tecnológicos em prol do ensino, além de não haver autonomia dos discentes para estudarem em casa, entre outras situações complexas a respeito dessa temática. (SOUZA e BEZERRA, 2021, p. 3)

Com isso, assim como os professores do Ceará, nós residentes também nos sentimos desmotivados, pois, apesar de não medirmos esforços para educar, não conseguimos atingir com êxito nossos objetivos. Após o encerramento do semestre

pôde-se observar as notas finais de uma disciplina da turma do segundo ano noturno, que foram disponibilizadas no grupo de whatsapp, do qual fazíamos parte. Dos 18 alunos dessa turma, 7 foram cancelados, 8 deles pegaram exame. Ou seja, 38% ficaram para trás e 44,44% tiveram que fazer o exame final. Por esse motivo, os professores, por vezes, se sentem impotentes por não poder desempenhar suas práticas pedagógicas como gostariam, como foi a nossa experiência no Módulo III, do Projeto de Residência Pedagógica.

## 5. Consequências da evasão escolar

Em diálogo com nossa preceptora, questionamos quais eram os incentivos do governo e as estratégias para que a evasão escolar e o silenciamento dos alunos não fosse tão grande durante a pandemia na escola. A professora alega que a realidade do noturno é bem complicada, pois a maioria dos alunos trabalham durante o dia e não dispõem de equipamentos tecnológicos e ferramentas para fazerem seus trabalhos escolares. Também há escassez de materiais impressos no noturno, uma vez que, a verba repassada para escola tem prioridade ao ensino fundamental e médio diurno.

Sabe-se que apenas aprovar e manter o índice de alunos concluintes do ensino médio ou EJA não é a solução para o desenvolvimento da educação. Faltam políticas públicas que garantam a autonomia do professor e a formação continuada, pois os professores só tiveram apoio do estado, um ano após a pandemia com a distribuição de cursos e chromebooks e muitas vezes não sabiam manusear adequadamente as ferramentas tecnológicas para dar aulas remotamente.

Sobre este questionamento pode-se observar o que presenciamos em nosso trabalho como bolsistas do PRP que é a grande preocupação com o porvir, ou seja, as sequelas da evasão escolar e do ensino remoto na sociedade.

Conforme dados da secretaria da escola, na qual trabalhamos como bolsistas do PRP o número de inscritos no EJA em 2020/1 o T9 formou 9 alunos, tendo 35 vagas ocupadas, em 2020/2, formou 9 em 30 vagas ocupadas. Em 2021/1, o T9 formou 8 alunos de 35 alunos e em 2021/2 o T9 formou 10 das 35 vagas ocupadas. Analisando estes números não se nota muitas diferenças em relação aos reprovados ou números de inscritos, porém pode-se refletir que existe em todas as turmas uma evasão muito grande ao longo do ano letivo em relação às vagas ofertadas e um desinteresse e/ou falta de motivação dos estudantes em concluir seus estudos.

Em pesquisas postadas no site CNN Brasil, a evasão escolar no ensino médio regular e a falta de inscritos aumentou consideravelmente na pandemia do COVID-19, e houve um acréscimo de alunos inscritos na modalidade do EJA, pois aumentou o número de jovens entre 15 a 17 anos que começaram a estudar nesta modalidade, com tempo reduzido. Com isso, percebe-se que os alunos estão buscando reduzir o tempo de estudo e outros acabam desistindo de concluí-lo.

Observa-se também que grande é o número de alunos fantasmas, ou seja, que apenas estão matriculados nas escolas. A evasão escolar acaba respingando no número de inscritos do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) que em 2021 teve uma redução de 64,35% em relação ao recorde de 2014 e um dos índices mais baixos dos últimos 16 anos, segundo o site do BBC NEWS Brasil.

Com base nestes dados, eleva-se nossa preocupação como bolsistas do Programa Residência Pedagógica e profissionais da educação, que sentimos na pele o quanto é difícil desenvolver um trabalho de qualidade sem o retorno dos alunos.

## 6. Considerações finais

Com base no que foi posto neste artigo, é possível perceber algumas causas pelas quais alguns alunos silenciaram diante das atividades propostas durante o ensino remoto. Percebemos que as dificuldades vão desde a falta de ferramentas, como computadores, celulares, além disso, há também a falta de conexão com uma internet de qualidade e sobretudo, a falta de organização e rotina de estudos. Outro fator a ponderar-se é a falta de apoio familiar – e as políticas públicas que tendem a contribuir para tornar baixa a frequência dos alunos nas aulas e com possibilidades de recuperações singelas, ou seja, sem aprofundamento dos conteúdos basilares.

No entanto, observa-se também que há falta de engajamento por parte de alguns alunos durante as reuniões síncronas e por mais que haja esforço dos professores para se reinventar e fazer coisas novas e atrativas, há falta de interação entre professor/aluno e a participação nas atividades propostas. Neste ínterim, acredita-se que as políticas públicas acabam por tirar a autonomia do professor frente ao seu alunado, uma vez que, quando fica estipulada a inibição da reprovação de um aluno considerado não- apto durante todo ano letivo o professor acaba tendo seu trabalho desvalorizado/fragilizado frente a sociedade.

Outro fator que dificulta a dedicação aos estudos é o trabalho, pois muitos jovens não conseguem conciliar esta dupla jornada. Em decorrência da baixa escolarização e da evasão escolar precoce aumenta-se os índices de exploração empregatícia, violência doméstica e desemprego e/ou baixa remuneração salarial.

Como abordado ao longo do artigo sobre a pesquisa realizada pela Fundação Roberto Marinho que destaca que jovens que não concluíram seus estudos vivem em média quatro anos a menos do que os jovens que concluíram o Ensino Médio. Com isso, as consequências para o país são imensuráveis, pois, cerca de 220 bilhões por ano se perdem – com a violação do direito à educação. Além disso, sabemos que com o contexto da pandemia a evasão escolar tende a aumentar e para isso, precisamos traçar estratégias através de políticas públicas com a tentativa de inibir a debandada dos alunos da escola.

Como podemos refletir, tratar das dificuldades existentes no meio educacional é uma problemática que tem se alastrado há anos na sociedade e o ensino remoto provocado pela pandemia do Covid-19 só aflorou as dificuldades que já existiam. Quando ocorre o aumento da evasão escolar e a redução do nível da aprendizagem e participação nas aulas, automaticamente cresce a preocupação com o progresso do país. Sem dúvidas, se coloca em pauta as graves consequências e prejuízos na qualidade de vida da população. Também, isso começa a refletir em diversos setores da sociedade e programas governamentais, como na maior prova que tem anualmente no Brasil, que é o Enem, que no ano de 2021 teve o menor número de inscritos dos últimos dezesseis anos.

Durante nossa experiência no Residência Pedagógica, trabalhamos com o ensino da língua portuguesa e com temas variados com o intuito de atrair os alunos para as aulas, porém, nos deparamos com o silêncio perturbador da maioria dos alunos que não entregavam as atividades, não frequentavam as aulas e não mantinham nenhum contato. Isso evidencia a crise no sistema educacional que encontramos em todo país na atualidade e o que presenciamos durante o trabalho com o Programa Residência Pedagógica.

## Referências

BARROS. Ricardo, P; FRANCO. Samuel; MACHADO. Laura, M; ZANON. Daiane & ROCHA. Grazielly. **Consequências da violação do direito à educação**. 1º. ed. -Rio de Janeiro: Autografia, 2021. 148 p.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Livraria Martins Fontes Editora LTDA. São Paulo. 2006.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

Domingo, José Contreras. **Autonomia de professores**. São Paulo-SP: Cortez, 2002. p. 296.

UNICEF. **Cultura do fracasso escolar afeta milhões de estudantes e a desigualdade se agrava na pandemia, alertam UNICEF e Instituto Claro**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/cultura-do-fracasso-escolar-afeta-milhoes-de-estudantes-e-desigualdade-se-agrava-na-pandemia>. Acesso em: 04/01/2021.

AGÊNCIA BRASIL. **Necessidade de trabalhar é o principal motivo para abandonar a escola**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-07/necessidade-de-trabalhar-e-principal-motivo-para-abandonar-escola>. Acesso em: 04/01/2021.

SOUZA; W. G. de; BEZERRA, J. J. **A pandemia e a urgência das tecnologias: reflexões sobre os desafios para o ensino de língua portuguesa em tempos de isolamento social**. Revista Signo, v. 46, n. 85, p. 2-14, 2021. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/15626> . Acesso em: 11 fev. 2021.

BBC NEWS. **Enem: o que explica o menor número de inscritos na prova em mais de uma década**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58021267>. Acesso em: 20/04/2022.

CNN BRASIL. **Com o maior número em seis anos, Brasil tem 244 mil jovens de 6 a 14 fora da escola**. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/com-maior-numero-em-seis-anos-brasil-tem-244-mil-jovens-de-6-a-14-fora-da-escola/#:~:text=Cerca%20de%20244%20mil%20crian%C3%A7as,escolar%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202019>. Acesso em: 20/04/2022.

POR EQUIPE LYCEUM. **Evasão de alunos: entenda as principais causas e como evitar**. Disponível em: <https://blog.lyceum.com.br/evasao-de-alunos/>. Acesso em:

20/04/2022.

**R7 EDUCAÇÃO. Conselho recomenda que escolas não reprovem alunos neste ano.**  
Disponível em: <https://noticias.r7.com/educacao/conselho-recomenda-que-escolas-nao-reprovem-alunos-neste-ano-23082021>. Acesso em: 20/04/2022.